

PAA

Prémio Arquitectos Agora*

2015



Organização



Apoio

GETBLISS

Parceiro Media



Ordem dos Arquitectos – Secção Regional Sul
Travessa do Carvalho, nº 23
1249-003 Lisboa

Conselho Regional de Admissão Sul (CRAS)
Presidente: Paulo Tormenta Pinto
Vogais: Rita Alves, Rita Dourado, Rui Velho Didier, Tiago Pinhal Costa
Secretariado: Ângela Gomes

Coordenação
Paulo Tormenta Pinto

Comunicação
Margarida Ventosa

Produção
Sara Andrade

Assessoria de Imprensa e Entrevistas
Margarida Portugal

Projecto Expositivo
CRAS

Design gráfico, Fotografia e Edição Vídeo
Thisislove Studio

Depoimentos
Raúl Hestnes Ferreira, Teresa Nunes da Ponte, Pedro Maurício Borges, Raquel
Oliveira (FORA Arquitectos)

Júri
João Favila (Presidente), Fernando Guerra e Tomaz Hipólito

Propriedade
Ordem dos Arquitectos – Secção Regional Sul

Agradecimentos
Aos membros do júri João Favila, Fernando Guerra e Tomaz Hipólito. Aos
arquitectos Raúl Hestnes, Teresa Nunes da Ponte, Pedro Maurício Borges e
Raquel Oliveira pela disponibilidade demonstrada e pela generosidade dos seus
depoimentos. Ao P3. À Getbliss. À Thisislove Studio. Ao Conselho Directivo
Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos.

Índice

4

Prémio Architectos Agora

6

Depoimentos

12

Premiados

Prémio Arquitectos Agora

4

O Conselho de Regional de Admissão Sul da Ordem dos Arquitectos (OA) organiza em 2015, o Prémio Arquitectura Agora (PAA). Esta iniciativa dá continuidade às duas edições anteriores do Prémio Estágios em Portugal e no Mundo. Através do PAA pretendemos conhecer com maior detalhe a sensibilidade dos novos arquitectos face ao período de transição entre a formação e a integração profissional, tendo esta iniciativa como objectivo primordial o estabelecimento de uma aproximação entre a Ordem e os seus membros. O PAA procura mobilizar todos aqueles que nos últimos cinco anos se inscreveram na OA e elaborarem relatos criativos sobre a aquisição de experiência profissional (em Portugal ou no estrangeiro), incluindo-se neste período o estágio profissional de acesso à Ordem. Este prémio pressupõe a distinção de textos, fotografias, vídeos ou desenhos que representem e enquadrem os processos e as práticas que contribuíram para a consolidação da formação académica.

Da experiência de anteriores edições do prémio, pudemos observar que os primeiros anos de integração nas estruturas de acolhimento pressupõem experiências intensas por parte dos novos membros da OA. O confronto com a realidade exige novas respostas, quer seja do ponto de vista laboral, quer seja do ponto de vista técnico. Este confronto é em geral filtrado de modo intimista, trazendo para cima da mesa tanto as dificuldades de integração ou as naturais lacunas da formação, como o encantamento das novas experiências, o contacto com outros arquitectos, engenheiros ou agentes da construção. Esta saudável tensão, presente nos primeiros tempos, contribui para a renovação e actualização da própria profissão, constituindo-se em muitos casos como oportunidade para que as estruturas profissionais atualizem os seus discursos e procedimentos, usufruindo da motivação e do idealismo dos novos arquitectos. Como preparação do PAA foram realizadas entrevistas a arquitectos

provenientes de várias gerações, aproveitando-se a oportunidade inerente ao prémio para perceber as continuidades e mutações do processo de aquisição de experiência profissional. Raul Hestnes Ferreira, Teresa Nunes da Ponte, Pedro Maurício Borges e Raquel Oliveira foram os arquitectos que colaboraram nesta edição do prémio relatando o seu próprio percurso.

Foi interessante perceber que as memórias que guardam dos primeiros tempos se estendem aos territórios e aos espaços físicos dos próprios escritórios onde desempenham funções, sendo em todos os casos relevante o facto de a experiência inicial potenciar e contaminar o trabalho de todos no momento actual.

Para além dos relatos sobre o período inicial de integração profissional, foi importante extrair as percepções sobre o modo como vêem a relação dos jovens arquitectos face aos actuais desafios da profissão. Neste campo o tema do alargamento da rede nacional para uma rede global é incontornável, envolvendo hoje em dia, sobretudo os novos arquitectos quer seja pela via da carência de oportunidades no país, quer seja pelo fascínio de outras culturas ou mestres. A internacionalização e a facilidade de deslocação ou troca de informação tem vindo a alterar fortemente o modo como os arquitectos lidam com a profissão, verificando-se uma grande capacidade dos mais novos para os desafios inerentes à globalização. O incentivo da procura incessante ou sentido de responsabilidade dos actos próprios da profissão ressaltam como temas que estes arquitectos

procuram transmitir aos colaboradores, evidenciando todos eles a importância do contacto com as novas gerações como contributo para a vitalidade das experiências realizadas nos vários ateliers.

O PAA funciona como um instrumento de monitorização sobre a profissão, estendendo-se o debate ao júri convidado pelo Conselho Regional de Admissão Sul, nesta edição presidido pelo arquitecto João Favila, e contando com a participação do arquitecto e fotógrafo Fernando Guerra e do artista Tomaz Hipólito como vogais. A diversidade de actividades dos membros do júri permitiu-nos lançar um olhar crítico sobre as propostas apresentadas pelos concorrentes.

Passado este período de escrutínio dos trabalhos apresentados, fica presente não só uma consciência actualizada sobre a profissão de arquitecto, como também um entendimento sobre os desafios que se colocam às novas gerações, os tipos de trabalhos que são chamados a realizar e o modo como vêem a profissão. Através do PAA, o Conselho Regional de Admissão Sul conseguiu ampliar o seu raio de acção, estabelecendo laços de maior proximidade com os novos membros e com a comunidade dos arquitectos.

Lisboa, 17 de Junho de 2015

Paulo Tormenta Pinto

Presidente do Conselho Regional de Admissão Sul da Ordem dos Arquitectos

Depoimentos

Uma história a quatro vozes

16

Raúl Hestnes Ferreira
Teresa Nunes da Ponte
Pedro Maurício Borges
Raquel Oliveira - Atelier FORA

**Que memória guarda
do seu período de
aquisição de experiência
profissional?/**

**De que forma essa
aquisição de experiência
influencia ainda hoje o
seu trabalho?/**

**Como vê a integração
dos novos arquitectos
face aos desafios actuais
da profissão?/**

**O que procura transmitir
aos seus colaboradores
mais jovens sobre a
profissão?**

A recolha e gravação de testemunhos pessoais tornou-se numa imagem de marca do Prémio Architectos Agora (PAA) desde a sua edição de estreia. Começou por ser uma forma experimental de projectar o galardão junto dos architectos e transformou-se num modelo bem sucedido de dar a conhecer, não apenas o prémio, mas aquela que foi, desde sempre, a sua essência: as histórias de transição entre os bancos da universidade e as cadeiras dos estiradores contadas na primeira pessoa e pela voz dos seus protagonistas.

Nesta terceira edição do Prémio Architectos Agora [ex-Estágios em Portugal e no Mundo] demos a conhecer histórias inspiradoras e variadas de entrada na profissão, juntando um quarteto de architectos cada um representando uma geração distinta, do mais experiente, Raul Hestnes Ferreira, à mais jovem, architecta Raquel Oliveira, do Atelier FORA. Entre eles, dois nomes: Pedro Maurício Borges, que teve na insularidade o seu baptismo profissional; e Teresa Nunes da Ponte, que viveu quatro reformas de ensino em pleno período revolucionário e que representa uma geração de transição que viveu um tempo de forte militância. A cada um foram colocadas as mesmas quatro questões, a saber:

Que memória guarda do seu período de aquisição de experiência profissional? De que modo essa aquisição de experiência influencia ainda hoje o seu trabalho?

Como vê a integração dos novos architectos face aos desafios actuais da profissão?

O que procura transmitir aos seus

colaboradores mais jovens sobre a profissão?

Por uma singular coincidência, a história de cada um compõe um mosaico cronológico perfeito. Raul Hestnes Ferreira, o mais veterano, fez o que poucos na sua geração fizeram: saiu de Portugal inspirado por Alvar Aalto para viver um ano na Finlândia, tendo de seguida atravessado um oceano para trabalhar, durante quatro anos, no atelier do architecto Louis Kahn. Sair para trabalhar, para aprender, para conhecer mundo: o mesmo que levou a architecta Raquel Oliveira à boleia do Programa Erasmus, para Roterdão, onde se iniciou profissionalmente antes de voltar para Portugal e ser sócia de um atelier. Pedro Maurício Borges também saiu de Portugal, mas não para o estrangeiro, apenas para o “estranho”, como refere. Assim que saiu da Universidade foi trabalhar para os Açores, para um território que o apaixonou e ensinou que a arquitectura tem uma ética imposta pela paisagem. Teresa Nunes da Ponte, que durante nove anos palmilhou Lisboa de lés a lés, para o Guia Urbanístico e Architectónico de Lisboa (GUAL) deixa transparecer, no seu discurso, a influência dos tempos de mudança que viveu na sua entrada na profissão.

Em todas as narrativas, um denominador comum: o período de iniciação profissional deixou marcas perenes da prática da arquitectura de cada um. E não houve ninguém que não visse a integração dos novos architectos como “difícil” numa conjuntura que os empurra para fora. Mas àqueles que recebem nos seus espaços de trabalho, dão testemunho

da “experiência de diálogo” com os clientes (Teresa Nunes da Ponte), transmitem uma certa “ética do respeito pelo sítio e pelas pessoas” (Pedro Maurício Borges), usufruem da longa experiência de quem os acolhe (Raúl Hestnes Ferreira) e podem, inclusivamente, levar consigo um “olhar mais ingénuo sobre as coisas” (Raquel Oliveira) que acaba por ser vantajoso para todos.

Todos os dias novos arquitectos dão os primeiros passos na profissão e são testemunhas do tempo que é o seu e da arquitectura que se faz. São as suas histórias que o Prémio Arquitectos Agora procura desvendar.

Margarida Portugal

Todos os vídeos em

**[vimeo.com/
126804117](https://vimeo.com/126804117)**

Raúl Hestnes Ferreira



10

Teresa Nunes da Ponte



Pedro Maurício Borges



Raquel Oliveira **Atelier FORA**

11



O Júri presidido pelo Arq. João Favila e pelos vogais Fernando Guerra e Tomaz Hipólito, reuniu no dia 09 de Junho pelas 15:00h, no Salão Nobre da Ordem dos Arquitectos com o objectivo de avaliar as propostas submetidas ao Prémio Arquitectos Agora 2015. Atendendo ao conteúdo das propostas o Júri decidiu por unanimidade atribuir quatro prémios. As propostas premiadas foram: Marta Sousa Pinto (trabalho descritivo num texto muito poético, onde se destaca a postura de reagir às dificuldades que se advinham na profissão); João Cepeda (síntese da sua experiência num documento muito coerente, sustentando-se no conceito japonês de “intervalo” que está sempre presente em todos os projetos em que participa); Teresa Azevedo (texto crítico que revela com ironia a importância do papel do arquiteto num lugar que à partida não é o dele. Inclusão da Arquitectura num ambiente que lhe é completamente externo desmontando o “sonho” da experiência de estágio); Tiago Atalaia (supera a experiência do atelier e procura os fundamentos da profissão).

Premiados

13

Marta de Sousa Pinto

João Cepeda

Teresa Azevedo

Tiago Atalaia

Marta de Sousa Pinto

Marta Sofia de Sousa Pinto nasceu em Lisboa, em 1990. Frequentou o curso de Artes Visuais entre 2005 e 2008 na Escola Secundária de Camões. Em 2011 licenciou-se em Arquitectura pela UAL – Universidade Autónoma de Lisboa e em 2013 finalizou o Mestrado Integrado em Arquitectura pela mesma Universidade.

A sua Dissertação de Mestrado teve como tema “Espaço de Meditação no Tejo: O Dinamismo da Sombra, a Tensão da Luz, a Metamorfose da Ruína”, tendo os Arquitectos Francisco Aires Mateus, Joaquim Moreno e Marco Arraiolos como seus orientadores, e o Arquitecto António Marques Miguel e a Prof. Drª Dóris Graça Dias como seus co-orientadores.

Em Outubro de 2012 participou no Workshop Internacional “Forgotten Scapes” em Wrocław, Polónia, (Wrocław University of Technology, Architecture and Urban Design Faculty), a convite do Arquitecto Pedro Campos Costa, de forma a fazer uma proposta de requalificação do espaço público do Estado de Popowice.

Em Janeiro de 2014 inicia o Estágio de Admissão à Ordem dos Arquitectos, no Atelier Sou Fujimoto Architects em Tóquio, Japão após uma breve abordagem ao Arquitecto na

sua conferência “Futuropective Architecture” no CCB, em Lisboa, no ano anterior. Participou em diversos projectos, incluindo três concursos (sendo que um deles mereceu o primeiro prémio, denominado “Hungarian Music House” em Budapeste) e projectos de execução, tais como: UNIQLO Flag Ship Store, Future Beauty Exhibition Store em Kyoto, Taiwan Lavender Museum, Solo House, Chiba Private House, Taiwan Tower, Private House in São Paulo e Private House in Hollywood. Em Maio de 2014 inicia a segunda fase de Estágio de Admissão à Ordem dos Arquitectos, no Atelier Francisco Aires Mateus Arquitectos em Lisboa, concluindo a mesma em Novembro desse mesmo ano. Em Setembro de 2014 colaborou como Arquitecta e Expositora na conceituada feira de materiais de construção “Marmomacc Fiera Internazionale di Marmo, Design e Tecnologie” em Verona, Itália. Em Dezembro de 2014, a convite do Arquitecto Tony Van Raat da Universidade da Nova Zelândia “UNITEC Institute of Technology” viaja para a China para o papel de Professora Assistente num Programa de Arquitectura entre esta Universidade e Shandong Jianzhu University em Jinan City.



Recentemente deu uma entrevista para a jornalista da TVI Mara Contreiras Alves acerca da sua experiência no Japão, para o portal digital “Coração Luso”, denominado “Um Sonho chamado Japão”.

Colabora em conferências relacionadas com a Embaixada do Japão e o JPAG (Japan-Portugal Alumni Group). Presentemente trabalha como Arquitecta e Fotógrafa freelance em Portugal e no Mundo.

Um Estágio em Tóquio com Sou Fujimoto

Introdução

Escrevo a minha experiência com o mesmo entusiasmo com que fiquei quando soube que a minha verdadeira aventura iria começar. Sempre fui uma pessoa tímida e reservada, mas com um espírito aventureiro. Sempre fui bastante persistente e curiosa e sabia que o meu futuro iria depender das decisões que tomasse. Tinha 23 anos quando acabei a minha Dissertação de Mestrado, inspirada nos temas simbólicos da luz e da sombra na Arquitectura (tendo Jun'ichiro Tanizaki como principal fundamentador destes temas), bem como na ruína e na ideia romântica criada por Simmel. Soube desde cedo que a minha paixão era a Arquitectura e a cultura japonesa e soube que iria finalizar o meu percurso académico com uma investigação baseada nos seus ideais. Ora, a minha verdadeira aventura e o meu verdadeiro percurso pessoal e profissional começou no final de 2013...

Como Tudo Começou

Sempre tive um certo fascínio e curiosidade pelo Japão e, desde cedo, que sempre soube que a minha experiência pessoal e profissional passaria por este país. No entanto, nunca pensei que essa oportunidade surgisse tao velozmente... Foi no dia 10 de Setembro de 2013 que Sou Fujimoto deu uma conferência no Centro Cultural de Belém com o tema

Futuropective Architecture. Soube, à partida, que seria uma oportunidade a não perder e que teria que chegar ao auditório bastante cedo, pois iria ficar sobrelotado rapidamente. Assim foi. Apanhei o autocarro em direcção ao CCB, extremamente entusiasmada com a ideia de estar na mesma sala com um dos arquitectos japoneses contemporâneos mais conceituados do mundo. Levei o meu currículo vitae e o meu portfolio comigo com a esperança de ter a oportunidade de falar pessoalmente com o arquitecto. Cheguei a Belém após uma viagem repleta de emoções, nervosismo e ansiedade. Dirigi-me ao CCB, tendo sido uma das primeiras pessoas a chegar. Enquanto esperava pelo início da conferência, e como ainda tinha algum tempo livre, dirigi-me ao pavilhão de exposição onde estavam expostos alguns dos trabalhos de Sou Fujimoto: uma sala repleta de maquetes, das mais variadas escalas, materiais, formas e feitios. Mal entrei no pavilhão senti uma quietude, uma aura tranquila, tipicamente japonesa, algo inexplicável. Comecei por fazer um percurso aleatório, sendo que a primeira maquete que observei foi algo bastante conceptual, onde a forma humana era o principal elo de ligação com o espaço arquitectónico e a própria arquitectura de dissipava no espaço natural: a Serpentine Gallery Pavillion. Esta maquete era composta por lajes conceptuais e envidraçados, de forma a conferir uma certa transparência ao espaço e a observar a forma como este ganhava dinamismo com a presença humana. Fiquei fascinada pela simplicidade da elaboração deste modelo. De seguida

fui observando outros trabalhos, tendo sido um deles, a Wooden House: uma peça bastante escultórica, onde o aproveitamento do espaço e as sensações eram elementos primordiais. Perdi algum tempo a viajar por este labirinto de cubos de madeira e a imaginar a qualidade deste espaço. Continuei a viajar por este mundo de Fujimoto, analisando os outros modelos que estavam expostos. Quando olhei para o relógio, já estava na hora de me dirigir ao auditório, pois a conferência estava prestes a iniciar. Sentei-me na primeira fila. A pouco e pouco, o auditório estava a começar a ficar lotado. Quando olhei para trás os lugares estavam todos preenchidos, tanto na plateia central como nos camarotes. Pessoas a ocuparem as escadas de acesso, junto às portas de entrada do auditório... Uma autêntica loucura. O que tornou a experiência ainda mais entusiasmante. Após a chegada da audiência, foi altura de o Arquitecto Nuno Mateus proferir o nome de Sou Fujimoto. Foi feita uma enorme ovação pelo público e o Arquitecto subiu as escadas em direcção ao palco. Com o meu nervosismo, bati palmas perplexamente, tendo achado curiosa a forma descontraída com que o Arquitecto entrou na sala (afinal de contas, ele deve precisar de um tradutor que fale inglês ou português para o ajudar na apresentação, pensei eu, como tinha feito Kazuyo Sejima na sua conferência em 2011 em Lisboa). Estava redondamente enganada. Sou Fujimoto falava correctamente inglês, chegando a proferir expressões engraçadas para o público na sua apresentação, deixando

uma sensação de descontração no ar. A apresentação prosseguiu. Fujimoto mostrou a forma como vê a arquitectura, os seus conceitos de construção e natureza e a forma como esta invade a sua arquitectura propositadamente. Na sua apresentação foi possível observar obras enigmáticas como a N House, a Wooden House e até mesmo a Public Toilet in Ichihara (literalmente uma sanita no meio da floresta, inserida num cubo de vidro e delimitada por uma vedação, onde as noções de público e privado, aberto e fechado, natureza e arquitectura são ilimitadas). Fiquei de tal modo surpreendida com a sua apresentação e com a linguagem da sua arquitectura que não fui capaz de tirar apontamentos. Cerca de duas horas depois e finalizada a apresentação, seguiu-se uma outra aclamação geral: um bater de palmas ensurdecedor e várias ovações de pé para Fujimoto-San. Naquele momento pensei: É agora! Algumas oportunidades são únicas na nossa vida! Chegaste até aqui, não a desperdices! Levanta-te! Levantei-me, extremamente nervosa, e dirigi-me a Fujimoto-San. A minha vontade estava em conseguir obstinadamente uma conversa informal, onde pudesse apresentar-me e mostrar-lhe o meu trabalho. Estava Fujimoto-San a acabar de arrumar a secretária da apresentação quando reparou na minha presença. Dirigiu-se a mim e eu, com bastante nervosismo, tentando, de certa forma, marcar a diferença, interpelei o arquitecto com um discurso eloquente, proferindo algumas palavras em japonês: - Fujimoto-San, Hajimemashite. Watashi

no namae wa Marta desu. Yoroshiku onegai itashimasu. Fujimoto-San ficou radiante por ver um gaijin (estrangeiro) a falar japonês, sorriu-me e respondeu-me da mesma forma: - Hajimemashite Marta-San. Yoroshiku onegaishimasu. Sorri-lhe timidamente e fiz uma vénia. Perguntei-lhe se podia falar em inglês pois era mais fácil para mim. Ele acenou positivamente, proferindo Hai! (sim!). Disse-lhe que era uma honra para mim estar perante a sua presença e que admirava bastante a sua linguagem arquitectónica. Expliquei-lhe que estava a terminar a minha Dissertação de Mestrado e que o meu sonho seria fazer um estágio no seu atelier. Entreguei-lhe o meu curriculum vitae e o meu portfolio. Ele olhou perplexo e perguntou se aquilo era para ele. Disse-lhe que sim, se ele assim o quisesse. Recebeu os meus documentos nas suas mãos e disse-me que sim, que teria todo o gosto em receber-me no seu atelier, mas que tinha que esperar pelo seu regresso ao Japão, pois iria falar com a sua secretária para entrar em contacto comigo e tratarmos dos papéis necessários para o início do meu estágio. Fiquei radiante, perplexa! Não sabia o que dizer. As únicas palavras que me saíram da boca foram: doumo... doumo... doumo arigatou gozaimasu! Disse-lhe que os meus contactos estavam no meu portfolio, agradei-lhe mil e uma vezes, fiz quinhentas reverências e afastei-me. Olhei para trás e vi uma multidão de pessoas que se foram aproximando e juntando atrás de mim para falarem com o Arquitecto. Estava tão centrada no momento e naquilo que me estava a acontecer que nem me apercebi da

confusão que se estava a gerar. Fiquei extremamente entusiasmada e ansiosa. Simultaneamente houve um momento de certo pessimismo e pensei: se todas estas pessoas lhe pedirem estágio, talvez isto não tenha passado de um sonho. E saí do auditório... À medida que me afastava, ouvia inúmeras pessoas, gritos, risos, gargalhadas e pensei, talvez tenha valido o esforço e talvez alguém tenha a sorte de obter a oportunidade que eu solicitei. Dirigi-me à paragem e apanhei o mesmo autocarro de volta a casa pois, no dia seguinte, era dia de continuar com a minha investigação académica.

A Oportunidade

Nas duas semanas que se seguiram, fiquei bastante impaciente e desejava por obter alguma resposta. Foi num dia normal de pesquisa académica e actualizações de correio electrónico que recebi um e-mail em japonês de uma senhora chamada Nikki. Abri o e-mail, sem saber bem o que esperar. À medida que lia o e-mail, lágrimas de felicidade escorriam-me pelos olhos. Fiquei perplexa e pensei: isto não me está a acontecer. Dirigi-me aos meus pais, li o e-mail que tinha recebido e disse esta é a oportunidade da minha vida. Sabia que, a partida, o estágio não seria remunerado, por isso todas as despesas teriam que ser arrecadadas por mim e com a ajuda dos meus pais. Sabia que era um enorme investimento que estaria a fazer, mas também sabia que era o preço a pagar pelo meu sonho. Os meus pais, como sempre, apoiaram-me a 100% e disseram para seguir em frente (apesar de ter notado

bastante nervosismo e inquietação por parte deles). Posto isto, sabia que tinha que finalizar e apresentar a minha Dissertação no final desse ano impreterivelmente. Pensei, tenho dois meses e meio para fazer isto. Eu consigo. Em simultâneo com a finalização e a entrega da dissertação, comecei os preparativos para a minha aventura.

A Preparação Mental e Emocional

Dia 17 de Dezembro de 2013: dia de nervosismo extremo, apresentação oficial com júri da Dissertação de Mestrado. Até à data, já tudo estava tratado relativamente à minha aventura no Japão. O entusiasmo era tanto, a ideia de estar a terminar uma fase extremamente importante da minha vida e prestes a iniciar uma outra, gerou um misto de emoções. Após a apresentação formal da minha investigação, finalizada com sucesso, era altura de me preparar mental e emocionalmente para a partida. Com tanto delírio e excitação, com a marcação dos voos, a reserva do alojamento, a análise das horas de viagem e dos intervalos das escalas e com a própria concentração em finalizar a investigação com sucesso, apenas após o final do dia 17 de Dezembro me apercebi da loucura e da radicalidade que estava prestes a fazer: iria viajar completamente sozinha, com 23 anos, sem nenhuma experiência anterior semelhante, sem conhecer ninguém para o caso de surgir alguma emergência, num país completamente desconhecido, onde regras, educação e formalidade seriam o meu dia-a-dia. Mas a ideia

de concretizar um sonho tao desejado fez-me seguir em frente e não olhar para trás. Despedi-me de todas as pessoas que me são próximas e finalizei as malas de viagem. Dois dias depois, estava no aeroporto e iria viajar para Tóquio! Check-in feito, parti em busca da experiência e da aventura.

A Chegada a Tóquio

Janeiro de 2014: Chegada a Tóquio. Primeiro acontecimento: perderam-me a mala de viagem. Entrei em pânico. Não tinha roupa extra. O que levava comigo era uma mochila com 10kgs com electrónica, mapas e livros de sobrevivência e língua japonesa. Pensei: mantém-te calma. Tudo se irá resolver. Após uma hora a tentar resolver a situação e a reportar o caso, comprei um bilhete de autocarro para o centro da cidade. Primeira impressão: os japoneses não falam mesmo inglês! Tenho um enorme desafio pela frente. Na altura tinha aprendido japonês durante cerca de um ano e os conhecimentos que tinha eram mais que suficientes para situações de sobrevivência e emergência. Sempre pensei que o inglês fosse a segunda língua dos japoneses mas, ao que parece, o japonês é a primeira e a segunda língua da sociedade. Mais tarde percebi porquê. Cerca de uma hora depois, estava no centro de Tóquio, em Shinjuku, um dos principais centros da cidade com mais de 300 entradas/saídas de metro. Fiquei perplexa com a arquitectura, com o sistema de circulação, com a limpeza das ruas, com as luzes néon que me seguiam para todo o lado! Cheguei

num sábado, em plena manifestação na rua, com centenas de pessoas, onde a circulação era praticamente impossível. Demorei meia hora a atravessar uma zona que, num dia normal, demoraria apenas cinco minutos. Após este atravessamento, seguiram-se umas outras aventuras, tendo chegado finalmente a casa no final do dia. Com enorme jet-lag, sabia que teria que descansar pois a minha aventura no atelier iniciar-se-ia dois dias depois.

A Recepção e a Integração

Segunda-feira de manhã, levantei-me cedo e dirigi-me ao atelier de Sou Fujimoto. Fiz o percurso por ruas e ruelas (que tinha estudado no dia anterior através dos mapas que tinha levado) e cheguei ao atelier as 9h30. Tinha chegado meia hora mais cedo, subi as escadas até ao sétimo piso e deparei-me com a porta de entrada do atelier. Pensei: estou aqui, é agora. É mesmo verdade, está prestes a acontecer. Entrei no atelier. Estava um ambiente bastante dinamizado. Olhei para todo o lado e contei cerca de 40 pessoas. Ninguém reparou na minha presença devido à concentração com que todos estavam. Dei uma volta pelo atelier e vejo uma senhora japonesa a aproximar-se de mim. Apresentei-me em japonês, disse que iria começar um estágio naquele dia e percebi que a pessoa com quem estava a falar era Nikki-San, a secretária de Fujimoto-San, que me ajudou com a oficialização do estágio na OA. Foi-me apresentado o espaço, o método e os horários de trabalho. Perguntei a Nikki-San se Fujimoto-San estava presente,

pois gostaria de lhe agradecer pela oportunidade. Mas, nessa altura, o Arquitecto encontrava-se em viagem pela Europa. De seguida fui apresentada e inserida numa equipa japonesa. Tive o primeiro embaraço ao apresentar-me formalmente: na língua japonesa, não existem consoantes soltas, sendo essa a razão pela qual eles não conseguiam pronunciar bem o meu nome. Devido às minhas aulas de japonês à partida já sabia que o meu nome se pronunciava Maruta. Por isso, quando Nikki me apresentou ao grupo e eu lhes disse que o meu nome era Maruta, todos se riram sem eu perceber bem porquê. Mais tarde percebi que Maru é um nome bastante corrente que se dá a animais de estimação, nomeadamente a cães (significando redondo ou rechonchudo) e que Maruta significa tronco de árvore. Basicamente estava a dizer que o meu nome era o de um cão rechonchudo e, de certa forma, associado a um tronco de madeira. Uma situação bastante caricata e que marcou de imediato o meu dia. Enfim, a língua japonesa é demasiado complexa! Foi uma situação bastante engraçada e marcante no atelier. Por ser portuguesa e falar português, o primeiro projecto que me foi destinado, foi um projecto habitacional, um complexo privado em São Paulo, Brasil (divulgado actualmente nas redes sociais). Fiquei bastante satisfeita por me sentir útil logo no primeiro dia e estar perante levantamentos rigorosos do local de implantação, esboços do Arquitecto e memórias descritivas. Foi um projecto do qual fiz parte não só no estudo prévio, como também no estudo avançado de maquetes para

apresentação ao cliente. Parecia uma criança numa loja de brinquedos: se, por um lado, me sentia nervosa por estar ali, por outro lado sentia-me radiante pela oportunidade de explorar tudo a meu redor, desde o armazém de material, até às ínfimas maquetes encaixotadas e os desenhos técnicos repletos de descrições em japonês. No primeiro dia percebi que existiam cinco equipas no atelier, sendo uma delas designada como a equipa internacional, onde estava grande parte dos estrangeiros (principalmente franceses). Curiosamente trabalhei sempre na mesma equipa japonesa até ao final do estágio, excepto na última semana onde tive a oportunidade de colaborar com esta equipa internacional. Após um intenso dia de trabalho de dezasseis horas, dirigi-me até casa repleta de jet-lag, onde descansei para o dia seguinte.

A Colaboração

When I draw or make models, the goal is not to try to arrive at definitive architectural forms. On the contrary, I try to understand architecture through the movements or activities of people or the spirit of places that is likely to inspire their movements or activities (Sou Fujimoto, *The Architectural Review*). No segundo dia, já tinha trabalho à minha espera: iria participar num concurso para um Museu no Monte Fuji! O local de implantação era fenomenal, com uma vista privilegiada sobre a montanha. Nesse dia fiz dez maquetes à escala 1:500, com diversos estudos conceptuais sobre a forma do edifício. Durante cerca de uma semana, até à chegada de Fujimoto-San,

fizemos inúmeras maquetes de estudo, visualizações 3D e diagramas. Cerca de uma semana depois, Fujimoto-San chega ao atelier. Reparo num stress e confusão imensa por parte dos designados supervisores (chefes e porta-vozes de cada grupo). Observo-os a dirigirem-se a Fujimoto-San com esboços, plantas e visualizações 3D. Juntaram-se todos na sala de reuniões e conseguia ouvi-los a debaterem ideias em japonês. Fiquei bastante curiosa em saber de que forma toda a equipa debatia as suas ideias, como faziam sugestões e como passavam da teoria a prática, da ideia conceptual ao objecto físico. Mais tarde tive a oportunidade de assistir e de fazer parte de uma reunião com Fujimoto-San, onde lhe apresentei uma maquete de estudo da estrutura da ilustre Solo House (Espanha). Ver Fujimoto-San a desenhar os seus esboços enigmáticos num moleskine preto com caneta vermelha impressionou-me. Como ele próprio escreve: The act of sketching for me is like a dialogue with myself. What is born out of countless red lines on paper is like a reflection of what is in my mind, yet something which transcends my understanding, almost as if it is a sign, or rather an anticipation. At times they are words, and at other times they become shapes, or something before a shape. (Sou Fujimoto, *Sketchbook*). Finalizada a tal reunião questionei a um dos meus colegas estagiários se era possível falar com Fujimoto-San de forma a agradecer-lhe pela oportunidade. De algum modo, este tema era ainda tabu e considerado absurdo pois eles diziam que um estagiário nunca deveria dirigir-se

a Fujimoto-San. Coloquei a mesma questão a um dos meus supervisores, que se riu e disse que isso não era verdade. Que Fujimoto-San era muito acessível e prestável (e tinha sido essa ideia com que tinha ficado quando falei com ele na conferência). Dirigi-me a ele, pedi-lhe desculpa pela intrusão e perguntei-lhe se se lembrava de mim, elucidando resumidamente a forma como tinha surgido a oportunidade. Fiquei muito satisfeita quando percebi que Fujimoto-San se lembrava de mim e agradeci-lhe pela oportunidade. Todos os dias aprendi algo novo, tanto em sistemas computacionais, como representações, dimensões e escalas. Tóquio é uma cidade com cerca de 15 milhões de habitantes e onde existe um elevado problema de construção e de área, daí ser necessário compreender as diferenças de escala e as prioridades. You will find two archetypal scenes that define what is at the heart of my architecture – one is the natural order, which reflects the forest and nature of my hometown, and the other is the artificial world, which reflects the complexity and richness of the city of Tokyo. The two orders are contradictory but they are inexplicably fused in my mind (Sou Fujimoto, *The Architectural Review*). Durante o meu período de estágio participei em diversos projectos de estudo prévio e execução, sendo eles: Taiwan Lavender Museum, UNIQLO Flag Ship Store, Future Beauty Exhibition in Kyoto, Chiba Private House, Solo House, Taiwan Tower, Private House in Hollywood, Private House in São Paulo e três concursos: Mount Fuji Competition, Aquarium Competition in Jouetsu City

e Hungarian Music in Budapest (o qual mereceu recentemente o primeiro prémio). No final do estágio, Fujimoto-San ofereceu-me o seu mais recente livro *Futuropective Architecture*, com uma dedicatória. E eu, como forma de agradecimento, ofereci-lhe uma garrafa de vinho do Porto. Agradeci-lhe novamente pela oportunidade e tirei uma fotografia com ele, ficando a promessa de voltar, um dia mais tarde.

E Assim...

Foram curtos os meses de trabalho, mas a riqueza da experiência e a sua intensidade foram imensuráveis e intemporais. O regresso a Portugal há muito que era ambicionado. Mas se, por um lado, o desejo de voltar a ver amigos e familiares pesava, por outro lado, o desejo de ficar pelo Japão, de vivenciar mais aquela experiência, o sentimento de conhecimento, enriquecimento e independência pesavam ainda mais. Por sua vez, o desejo de explorar o mundo da Arquitectura em Portugal, de ser independente no meu país e de marcar a diferença com os conhecimentos adquiridos lá fora, despertavam em mim uma outra energia. Como afirma Sou Fujimoto (*The Architectural Review*), Every kind of architectural definition has an in-between space, e era isso que eu pretendia explorar assim que regressasse a Portugal.

Arigatou Gozaimasu

Fujimoto-San ajudou-me a abrir novos horizontes pela distância, pela experiência física e pelo verdadeiro contacto com a Arquitectura.

Senti e presenciei, pela primeira vez, a estranheza de ver uma obra crescer, desde um simples esboço do arquitecto até ao projecto de execução e à obra construída. Foi uma experiência bastante enriquecedora, o meu primeiro contacto físico e emocional, intenso, com o processo criativo do Arquitecto. Por um lado, a emoção de ir, a possibilidade de desistir e a vontade de partir geraram uma reviravolta de emoções. Mas, simultaneamente, o facto de poder ter controlo absoluto sobre o meu futuro, a minha experiência e a minha jornada, fizeram com que o meu estágio fosse bem sucedido pessoal e profissionalmente. Um estágio e uma experimentação, uma aprendizagem e o seu sucesso depende da força de vontade de o fazer.

As an architect, I must invent new ways of making architecture and new ways of making spaces as tangible ideas. (...) however wildly imaginative a project may be, it is important to believe that one day it will be built – such a conviction can become a powerful source of energy for great architecture. Even if it is never realised, we must not fall victim to pessimism but continue to believe that our imaginative endeavours will bear fruit in one form or another someday in the future. (Sou Fujimoto, Futuroerspective Architecture).

Sinto-me honrada pelo apoio que tive da OA e da UAL, em poder levar o meu conhecimento e um pouco da minha experiência arquitectónica para o Japão. Confesso que fui uma privilegiada por poder, de certa forma, representar a minha universidade e a cultura portuguesa. É com orgulho

que reconheço a força de vontade, o optimismo e a persistência com que me deparei desde início e a força que me foi concedida por toda a equipa de Fujimoto-San. Agradeço aos meus pais pelo estímulo, ajuda, inspiração e apoio facultados e pela disponibilidade mental e emocional. Tenho que agradecer a Nikki-San por todo o seu apoio e disponibilidade, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pelas suas palavras sábias e pela sua compreensão. Obrigada a Iwata-San, Nakagawa-San, Suzuki-San, Hugh-San e Katsu-San por todos os seus ensinamentos. O meu percurso na equipa de Fujimoto-San começou com esta equipa e fez todo o sentido que terminasse os últimos dias com a mesma. Obrigada Marie, Jane, Vincent, Midori e Marcos por me fornecerem a melhor experiência da minha vida, por me darem a oportunidade de criar algo importante e por fazer parte de uma equipa extremamente profissional. Obrigada Honma-San pelos seus “telefonemas” ensurdecedores e obséquios durante o dia. Obrigada Aya-San, Yibei-San, Weiwei-San e Kiri-San por todo o vosso apoio. Obrigada a todos os amigos que fiz. Sem eles, a experiência não teria sido a mesma: Dani, Albert, Elena, Sophie, François, Jack, Maxime, Jenny, Sergio, Guillaume e Joel. E por último, mas não menos importante, o meu mais sincero agradecimento a Fujimoto-San pela introdução ao seu mundo arquitectónico, físico e imaginário, real e conceptual, incrivelmente fascinante e por me dar a oportunidade de fazer parte da sua equipa.

João Cepeda

24

Nasceu em Lisboa, em 1983. Mestre em Arquitectura pelo Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa.

Ao ganhar uma bolsa atribuída pela Confederação Helvética, tem a oportunidade de frequentar o último ano do curso na Suíça, na École Polytechnique Fédérale de Lausanne, onde integra também o “LAPA Studio” (Laboratoire de Production Architecturale) do Arq. Harry Gugger, parceiro no prestigiado atelier suíço Herzog & De Meuron.

O seu projecto final (realizado em colaboração com a Arq.a Joana Croft Dantas) é publicado no livro suíço “Genève Leçons”.

Em 2012, trabalha na Fondation Le Corbusier em Paris como bolseiro de investigação.

A sua tese de Mestrado, centrada na obra arquitectónica de Nadir Afonso – o conhecido pintor-arquitecto que trabalhou com Le Corbusier e

Oscar Niemeyer –, é editada pela Caleidoscópio em 2013, dando origem ao seu livro “Nadir Afonso, Arquitecto”, lançado nesse mesmo ano na Ordem dos Arquitectos em Lisboa.

Foi, com esse trabalho, finalista dos Prémios FAD 2014 de Arquitectura na categoria “Pensamento e Crítica” (ArquinFAD).

É autor de diversos artigos integrados em publicações de arquitectura internacionais e em catálogos de várias exposições, nomeadamente na 14a Bienal de Arquitectura de Veneza (2012).

Posteriormente, parte para o Japão, onde estagia e colabora no atelier do Arq. Shinichi Ogawa em Tokyo (2013-2014).

Colabora actualmente no atelier do Arq. Frederico Valsassina em Lisboa.

A música é a sua outra grande paixão.

“Kahouhanetemate”

果報は寝て待て

Em Tokyo, no atelier de Shinichi Ogawa
- a minha experiência no Japão
(2013-2014)

Por muito que nos preparemos
antecipadamente, o choque cultural é
de um impacto fortíssimo.

A sensação de deslocamento,
estranheza e confusão é inevitável e
constante. Estamos constantemente
perdidos, e encontramos-nos
constantemente. No fim, o recordar
com alegria momentos difíceis, o meu
período mais enriquecedor, e a certeza
de que tudo valeu a pena.

Hoje, o sentimento de um ‘antes e
depois do Japão’.

O relato do meu ano como arquitecto
(e como português) em Tokyo.

“Dear João,
We think that your sense and skill are
fit for our studio. We are open and like
to receive you in Tokyo. Thank you,
regards,

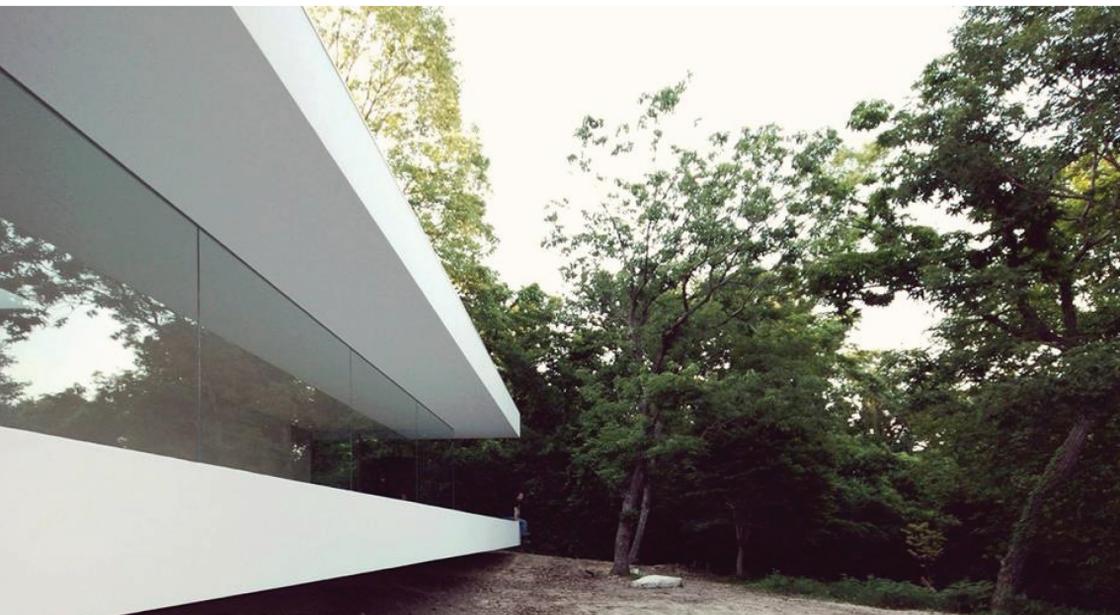
Yoko Okegawa, staff of Shinichi Ogawa
office.”

Assim começou a minha ‘aventura’ por
terras nipónicas. Repentinamente.
Sem qualquer plano ou estratégia
prévia, decido escrever um e-mail para o
atelier do conhecido arquitecto japonês
Shinichi Ogawa, pela grande admiração
que tinha pelo seu trabalho. Envio o
meu portfolio, e pergunto se existe
a possibilidade de colaborar no seu
escritório.

Respondem-me de imediato, na
madrugada seguinte.

A ideia de partir sozinho para um mundo
tão diferente do nosso, enfrentando uma
cultura tão longínqua
e exótica, não esbate o entusiasmo

Eu, ao fundo, sentado, durante a visita do atelier à sua última obra concluída, a casa “Florist Studio” em Mie, Nagoya, Japão.
(Maio 2014)



resultante da oportunidade de entrar naquele atelier. Pelo contrário, tudo se parece conjugar num súbito e inesperado desafio à minha própria pessoa. Ainda sem saber se tinha possibilidades reais de ir viver para o Japão, a minha cabeça parte antes de mim.

Ao longo da minha evolução como arquitecto, fui aprendendo a admirar os ambientes e cenários do ideário japonês, assim como os fundamentos e a estética da arquitectura tradicional japonesa. O chão em ‘tatami’, as portas de correr ‘shoji’, a fluidez total dos espaços, a relação franca com a natureza e o exterior, a luz... ou mesmo a sombra, já tão ‘elogiada’ por Tanizaki no início do século XX (“O Elogio da Sombra”, Junichiro Tanizaki, 1933). Sempre me interessaram também os muitos pontos que a arquitectura japonesa e portuguesa contemporânea têm em comum, facto que pude vir a constatar ainda com mais clareza durante a minha estadia no Japão. Com uma linguagem marcada e assumidamente minimal, a obra do arquitecto Shinichi Ogawa transporta para a contemporaneidade dos nossos dias os princípios fundamentais que, desde os seus primórdios e pelas suas características (sempre) tão vincadamente modernas e inovadoras, a arquitectura tradicional japonesa ensinou a tantos mestres ao longo da história, nomeadamente a Frank Lloyd Wright, que sempre a referenciou como uma das suas mais importantes influências.

De volumes depurados e (quase sempre) brancos, na obra de Shinichi Ogawa transparece a simplicidade do desenho, a atenção máxima ao

detalhe, a sobriedade dos ambientes e materiais, e o manuseio cuidado da luz, aspectos com que me identificava de uma maneira profunda.

Sem tempo para grandes preparações, e depois de alugar um quarto (mínimo) pela internet, parto para o Japão, parto para Tokyo... parto, ainda sem plena consciência do que me espera, para um enorme desconhecido.

“Amae” 甘え

É difícil registar os primeiros tempos sozinho no Japão.

As escassas sinaléticas em inglês pressagiam uma adaptação penosa. O sentimento de desencontro com tudo o que se passa à nossa volta é profundo e constante.

O tão esperado choque cultural a que estava prestes a assistir anunciava-se, assim, bem longe da minha imaginação, e de tudo o que podia antecipar.

A cidade, apesar do seu palpitante e ‘magnético’ ritmo, é de muito difícil apreensão.

Não existe um centro, como estamos habituados na Europa – muito menos um ‘centro histórico’.

Vários núcleos principais, totalmente heterogéneos uns dos outros, dispõem-se em diferentes malhas urbanas resultantes das permanentes reconstruções que a cidade sofreu, depois de 2 grandes terremotos e dos bombardeamentos de guerra.

Os grandes bairros de Tokyo surgem aninhados por intermináveis ruelas residenciais que verdadeiramente unem a cidade. Os edifícios, esses, são todos diferentes, tanto no estilo como na sua composição. O (muito) ‘velho’ e o (muito) ‘novo’ confraternizam juntos,

em harmonia, sem qualquer tipo de artificialidade ou desrespeito. Apesar de caro e algo confuso, o metro, de linhas infundáveis e estações gigantescas, é a primeira e melhor ajuda – não me esqueço da frenética estação de Shibuya, onde morava, e a de Shinjuku, onde trabalhava, a maior do mundo, com cerca de 227 saídas para a rua.

O ter partido pela possibilidade de um enriquecimento profissional, mas também pessoal, ameaça esbarrar no desafio contínuo que, nos primeiros tempos, parece ser impossível de atingir em estado pleno: a aprendizagem e apreensão da tão particular cultura japonesa. Parece existir algo íntimo, quase indecifrável, aos japoneses, à sua língua e costumes, aos seus modos de vida e de trabalho, à sua comida... a tudo o que vamos e procuramos ir entendendo, que se torna impossível de acompanhar.

As palavras que vamos aprendendo e colecionando, as expressões japonesas, não se traduzem directamente. Têm um significado muito especial, e o seu verdadeiro entendimento só se alcança – se é que alguma vez se alcança – depois de alguma vivência e de se experienciarem repetidamente diversas situações do dia-a-dia. Cada nome tem um significado. E os pais nomeiam os seus filhos tendo por base esse mesmo significado. Cada letra, cada caractere, tem um significado. E diferentes maneiras de o escrever, cada uma com o seu próprio significado. Assim, uma só mesma palavra pode ter inúmeros significados.

O processo de adaptação é, como tal, bastante lento e espaçado, e nunca tem um verdadeiro fim. Encontra-se em permanente execução.

O rápido começo da minha experiência no atelier de Ogawa foi um ponto de charneira, uma espécie de ‘bóia de salvação’ que veio equilibrar todo este processo, apesar de uma das primeiras frases com que, depois de grande esforço e dificuldade, me presenteiam no primeiro dia:

“Like most of Japanese, we don’t have good skill of English, so you may feel difficult.”

No entanto, começa logo aí a minha descoberta do verdadeiro Japão. E do habitual fascínio que um ocidental tem pelo Oriente, começa a surgir o meu encantamento pelo Japão, e pelos japoneses...: “But don’t worry, because Japanese is ‘Amae’.”

Grande parte dos japoneses, ao tentarem expor a um estrangeiro a sua cultura de uma forma rápida e sumária, recorrem invariavelmente à palavra “Amae”, que procura sintetizar a sua linha de conduta tão própria e fundamental. “Amae” significa ‘depender da, ou presumir a benevolência do outro.’

Porque, apesar de tudo, existe no Japão uma premissa que minimiza qualquer barreira cultural e linguística: o profundo respeito pelo outro.

“Otsukaresama” お疲れ様

Sou recebido no atelier com simpáticas vénias, e (com gestos) pedem-me que retire os sapatos e os deixe à entrada. Tratam-me, no início, por “Jôá-san”, e pouco tempo depois apenas por “Jôá”. De facto, a comunicação aparentava



Em cima, a frenética e multicultural zona de Shibuya (Setembro 2013).
Em baixo, o leite existente numa loja de conveniência (Outubro 2013).

ser extremamente difícil. Pensei que seria simples comunicar em inglês. Afinal, tanto no atelier como na cidade em geral, era praticamente impossível. Porém, a linguagem básica da arquitectura é, de certa forma, quase universal. Por outro lado, a minha grande identificação pessoal com o trabalho do arquitecto Shinichi Ogawa permite-me intuir de forma mais célere a sua abordagem projectual.

A arquitectura de Ogawa assenta numa grande máxima que está constantemente a proferir: “Minimal is maximal.” Um tanto ou quanto ‘miesiana’, tanto no aspecto discursivo como no formal, esta máxima alicerça-se em dois princípios fundamentais. O primeiro reside no desenho do espaço neutro, racional, quase abstracto. Ogawa acredita que este tipo de espaço permite não limitar a forma como os seus utilizadores a vivem, apresentando total adaptabilidade para, assim, poder ‘aceitar’ realidades e modos de vida tão mutáveis e contrastantes como são os das diferentes pessoas que as podem vir a utilizar.

O segundo reside no ‘desenho invisível’, ou ‘detalhe invisível’. Todos os elementos arquitectónicos, sejam paredes, estrutura ou caixilharias, são desenhados da forma mais simples e minimal possível, de forma a que não surjam quaisquer linhas desnecessárias no espaço. Através deste segundo princípio, Ogawa procura concretizar a neutralidade e pureza espacial do primeiro princípio basilar.

Se existe algo de oriental ou japonês no seu trabalho, será talvez o vazio da sua arquitectura (neutra), e a

importância que dá aos elementos naturais na composição total das suas obras, duas características tão presentes nas casas tradicionais japonesas. Assim, a luz do sol, o céu, o verde exterior, o vento e a chuva, trazem consigo para o espaço interior a vivência de cada estação de uma forma intensa mas subtil. Este pode, assim, mudar infinitamente, transformando e diluindo continuamente as fronteiras entre as várias divisões e entre o interior e o exterior.

Espanta-me, em todos no atelier, a perseverante busca pela perfeição em tudo o que fazem. No entanto, para os japoneses a perfeição é algo inatingível, explicam-me. Embora aparentemente paradoxal, esta visão traduz a sua incessante e fatigante procura pelo que é ideal, por aquilo que é mais belo e harmonioso, por aquilo que, ainda que ‘quase-perfeito’, pode, até certo ponto, ser sempre aprimorado.

Sempre que, da minha parte, e numa qualquer tarefa, existem dúvidas que são mais intrínsecas à cultura japonesa e que, por isso, são de mais complicada explicação, respondem-me laconicamente: “Japanese manner.” “Japanese way.” As diferenças culturais não são, de facto, ténues, e a primeira grande ‘surpresa’ de que me recordo é esta: todas as habitações em que trabalho apresentam, no quarto de casal, duas camas individuais separadas, o que deu, naturalmente, azo a algum espanto e, num segundo momento, a amigável ‘controvérsia’ e a muita partilha e ‘debate cultural’. Porém, as minhas primeiras impressões mais profundas são



Em cima, a "Horizon House" de Shinichi Ogawa, em Atami, Japão.
No meio, eu no atelier de Shinichi Ogawa, situado na Central Park Tower "La Tour", em Shinjuku (Outubro 2013).
Em baixo, a vista do atelier, ao entardecer (Shinjuku Central Park "Tochomae", Outubro 2013).

relativas ao seu tremendo culto pelo trabalho, e às horas de expediente. Os japoneses trabalham, de facto, durante muitas horas. Domingo é o único dia livre no atelier. No Japão, o trabalho é sinónimo de prazer e não de obrigação. Acreditam, de um modo geral, que para além da sua conduta diária, será o trabalho – e o seu empenho no mesmo – que os levará ao ‘paraíso’. Exemplo perfeito disso mesmo são as despedidas e saudações diárias. Estas não são feitas com um ‘até amanhã’ ou com uma ‘boa noite’, mas antes com uma expressão que, para minha grande admiração, não só é usada no meio profissional, como também é comumente utilizada no meio social: “Otsukaresama”.

A expressão significa, basicamente, ‘obrigado pelo teu bom trabalho’, ‘obrigado pelo trabalho que nos pudeste dispensar hoje.’ “Otsukaresama.”

“Shigoto” 仕事

No Japão, o trabalho – “shigoto” – é quase sagrado, sendo visto como um dos compromissos mais sérios da existência humana.

A minha experiência no atelier desenvolveu-se de forma progressiva e cadenciada.

Começo por trabalhar no projecto de uma casa em Fukuoka, na extremidade Oeste do Japão.

As habitações unifamiliares representam a maior parte do trabalho do atelier, e o principal foco experimental de Shinichi Ogawa.

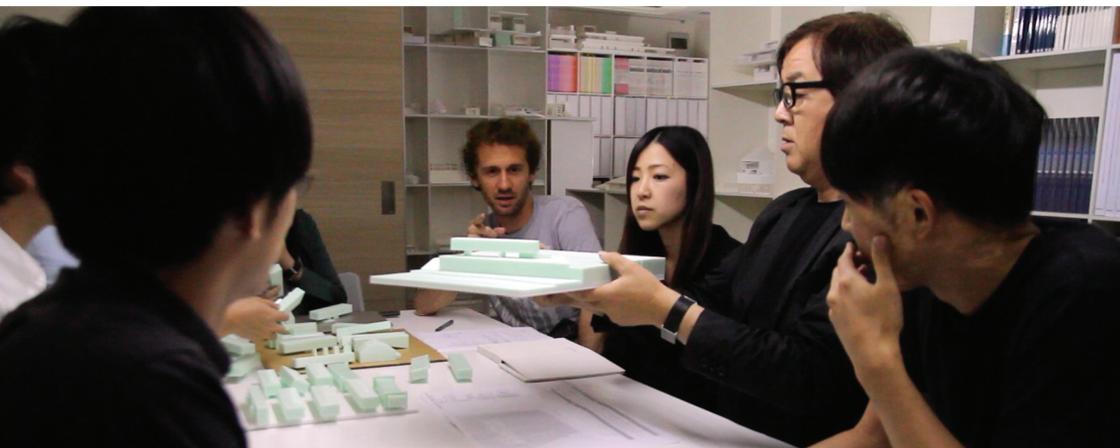
As diferenças óbvias entre mim e os restantes arquitectos do atelier, todos japoneses, aproximam-nos, ao

invés de nos afastarem. Ainda que, para mim, tenha sido algo inesperado, sou (à boa maneira japonesa) muito bem recebido, orientado, e todos procuram ultrapassar ao máximo as suas dificuldades de comunicação: eles, esforçando-se por se fazerem entender em inglês, e eu, querendo aprender a exigente língua japonesa. Com o desenrolar do tempo, e de uma forma muito natural e bem mais rápida do que imaginava, estreitam-se as relações entre mim e a restante equipa. Posteriormente, e com o intuito de tornar a minha experiência o mais ampla possível, sou envolvido no projecto de 2 capelas, num centro de congressos e num concurso internacional de um ‘porto de entrada’ para Taiwan.

Desde o início que sou incluído nas reuniões do atelier e, ainda que nos primeiros tempos a minha compreensão de tudo o que passava ou discutia fosse diminuta, sempre me pediam opinião. Levam-me a obras do atelier em construção e a outras já concluídas.

Incluem-me em tudo, e levam-me a todo o lado – compreendo, passado algum tempo, também com o intuito de ‘orgulhosamente’ mostrarem o elemento (tão) diferente que agora fazia parte da sua equipa.

Prossigo envolvido em cada vez mais projectos de moradias, e com tarefas cada vez mais distintas e aprofundadas, que foram desde a elaboração de maquetes finais e de estudo, à execução de renders 3D e fotomontagens realistas, e à elaboração de desenhos das mais variadas fases de projecto e de construção.



Em cima, um dos projectos que pude desenvolver de raiz: uma casa em Stara Wiês, na Polónia ("Kwiecinski Residence", Maio 2014).
Em baixo, durante uma reunião no atelier com o arquitecto Shinichi Ogawa (Junho 2014).

O meu cumprimento rigoroso das tarefas e horário do atelier faz com que Ogawa me dê a oportunidade de, com ele, poder desenvolver de raiz um novo projecto de uma casa para um casal que vivia em Hiroshima. O projecto acaba por não ir adiante, por motivos orçamentais. No entanto, o trabalho corre bem e o arquitecto aprecia o meu empenho, pelo que volta a dar-me nova chance, numa outra casa em Saitama, e outra, para uma casa na Polónia. Ogawa passava metade da semana em Tokyo, e a outra metade em Hiroshima, noutra sede do atelier. Trabalhávamos, por isso, em conjunto metade da semana, e à distância na outra metade. Nessas fases, eu tinha que, no fim de cada dia de trabalho, à noite, enviar por mail ou fax os avanços de cada projecto.

Recordo as suas ideias, (sempre) muito claras, e isso reflectia-se no desenho. O seu método, um ritual extremamente metódico e simples, que se repetia incansavelmente. Primeiro, várias maquetes de estudo, quase sempre com volumes muito simples e depurados. Depois, começavam os esboços e os desenhos, até se chegar ao desejado resultado final. A (já referida) busca pela perfeição – ou pela ‘quase-perfeição’ – era o lema em todos os projectos e estendia-se no estudo de pequenos pormenores, às vezes, por várias semanas, até essa ser finalmente alcançada.

As oportunidades que tive de, nestes momentos, trabalhar em estreita proximidade com o arquitecto Ogawa, desenhando, desenvolvendo, analisando e discutindo de raiz alguns dos seus novos projectos, foram os períodos mais empolgantes

e enriquecedores do ponto de vista profissional.

“Ma” 間

Tudo o que vou aprendendo no atelier parece extravasar o mero mundo da arquitectura e da construção. Tudo parece estar intimamente interligado com a cultura japonesa, e com o seu modo de pensar e de agir.

O mais perfeito exemplo disso foi a descoberta do “Ma”.

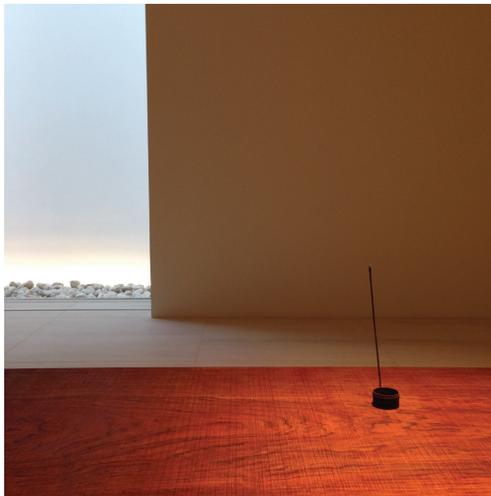
O “Ma” é um dos conceitos fundamentais da estética japonesa, mas mais do que isso, é (quase) uma visão do mundo.

A sua tradução mais directa significa, simplesmente, ‘espaço’. Mas o emprego, em japonês, de “Ma”, sugere fundamentalmente um ‘intervalo’, uma ‘pausa’, um ‘espaço entre 2 partes’.

Numa explicação simplista, quase que podemos comparar o “Ma” japonês ao que na arquitectura ocidental comumente se denomina de ‘vazio’, ‘espaço vazio’, ou ‘espaço negativo’. Porém, a concepção e a beleza do espaço vazio (“yohaku no bi”) é algo mais específico, e o conceito japonês de “Ma” vai muito para além disso, e não é de fácil apreensão.

Segundo os japoneses, o “Ma” apreende-se através de uma consciência apurada do espaço ou do lugar, não somente na sua dimensão tridimensional, mas através de uma consciência simultaneamente empírica e sensorial da forma (o que existe), e da não-forma (o que não existe, ou o que sobra do que existe).

Não é algo que é criado pela composição (ou adição) de quaisquer elementos arquitectónicos.



Em cima, a "Loft House" de Shinichi Ogawa, em Nagoya, Japão.
Em baixo, o 'vazio', o 'intervalo', o "Ma" da sala de jantar da casa "Florist Studio" em Mie, Nagoya, Japão (Maio 2014).

É justamente o que ‘não está lá’, dando, assim, forma ‘ao que está’. O “Ma” japonês dá forma ao todo, conformando o espaço de forma inversa: o ‘vazio’, o ‘intervalo’, o espaço empírico e sensorial que ‘não está lá’ é o actor principal, e é tremendamente mais importante que tudo aquilo que os nossos olhos são capazes de, fisicamente, ver.

O “Ma” apresenta-se, assim, como um conceito fundamental da arquitectura japonesa desde os seus tempos primordiais, sendo este que verdadeiramente transforma a experiência arquitectónica e, finalmente, atesta a sua qualidade. Mas este conceito transborda enormemente a prática da arquitectura.

Também nas artes, como na literatura, na poesia, na pintura e na escultura, no “ikebana” (arranjos florais japoneses), na música ou mesmo na representação, o “Ma” é primordial. Nas pausas entre as palavras. Nas ausências e nos silêncios que, mais uma vez, são tão ou mais importantes que as próprias palavras. Nos pequenos intervalos existentes entre cada nota musical, que dão forma e cadenciam o ritmo desejado da composição.

Mas mais do que isso, todo o japonês comum é familiar com o “Ma”, uma vez que este é extremamente importante nas relações entre as pessoas e no comportamento social em geral. Os silêncios entre cada frase demonstram respeito. Por um lado, pelo o que o outro está a dizer, e por outro, para marcar e carregar o significado do que se disse. Ao contrário do que sucede no comportamento ocidental, no Japão

as pausas não são ‘desconfortáveis’ nem sinónimo de ‘mal-estar’. As pausas são deliberadas, e pretendem também revelar o prazer que se está a ter em determinado momento, em marcá-lo, respeitá-lo e usufruí-lo, de uma forma despreziosa e natural.

Fui descobrindo e tentando compreender o “Ma” japonês em todos os projectos do atelier em que participei, e principalmente no processo de concepção arquitectónica de Ogawa nos mesmos, mas também no meu dia-a-dia.

O “Ma” era, talvez, a palavra mais utilizada no atelier, e foi uma das primeiras que perguntei o significado. É um espaço que não existe, mas tens de o ver.

Não está antes, nem depois, está ‘entre’, está ali.

“Kahouhanetemate” 果報は寝て待て

Passado quase 1 ano e após 4 mudanças de casa, a experiência chegou ao seu fim.

Existe a vontade de continuar no atelier, mas a extrema dificuldade em aprender a parte escrita da língua japonesa revela-se o maior obstáculo. As expectativas iniciais foram largamente superadas, tanto profissional como pessoalmente. A oportunidade de trabalhar no atelier de um grande arquitecto que muito admirava foi única, assim como todos os ensinamentos arquitectónicos, conceptuais e artísticos que dele recebi.

Diferentes abordagens, diferentes formas de trabalhar, diferentes ritmos. Repetiram-me, inúmeras vezes, no



Em cima, vista de Shinjuku, à noite (Abril 2014).
Em baixo, o Templo Senso-ji em Asakusa, à noite (Junho 2014).

atelier:

“Kahouhanetemate”.

“Kahouhanetemate, ‘Jôá’”.

A expressão significa que ‘tudo de bom acontecerá àquele que, paciente mas perseverante, não interferir no rumo natural da vida, e das coisas’.

Perante a minha (quase)

impossibilidade de buscar

entendimento no contexto cultural

em que estava, e de descobrir uma

‘tradução’ para a sensação de não

pertença daí decorrente, os meus

amigos japoneses procuravam

transmitir-me a sua tão característica

postura nipónica, calma e crente de

que, com esforço e tranquilidade, tudo

acaba por terminar bem, tudo acaba

por se ajustar.

E foi sobretudo isso que, para além

da enorme mais-valia profissional que

recebi, trouxe comigo do Japão. A

sua cultura. O seu exemplo. Descobri

novas perspectivas, novas ideias, um

novo mundo, e um novo olhar sobre o

mesmo. O abrir de novos horizontes foi

total. Como arquitecto, mas sobretudo

como pessoa, como indivíduo.

E trouxe Tokyo.

Modernidade e tradição, arranha-céus

e templos budistas, ordem e caos (ou

vice-versa).

Espaço e falta dele, luz e escuridão,

néons eléctricos e lamparinas de

papel, postura e decadência, o

imaculado e o burlesco, a formalidade

e a desconstracção, enfim, a união

na desunião, o homogéneo no

heterogéneo, a identidade na

diversidade. As ruas não têm

nome, os edifícios têm, e os bairros

são numerados. ‘Manga’, ‘sushi’,

publicidade, salas de jogos que

parecem feiras populares gigantes.

Sismos. O sentimento (bom) de que olham para nós como algo estranho, ou diferente. “Western...”.

Bandas que tocam na rua, ‘soldadinhos’ engravatados e raparigas vestidas de bonecas.

Mas a sensação de que paira no ar uma cultura tão antiga e particular, profundamente e para sempre enraizada. Incenso. Cedros. Flores de cerejeira e “sakuras”. Guarda-chuvas de bambu. “Kimonos”.

Jardins revigorantes e lugares de verdadeira paz espiritual. E a harmonia como base de tudo, da educação extrema, do comportamento, do manter (um)a paz, do fazer segundo o que ‘deve ser’, do não marginalizar nada nem ninguém.

Tokyo é isto. E é por isso que quem chega a Tokyo, facilmente se perde, e se encontra. Na tradução, e em tudo. Na tradução (im)possível de nós mesmos. Na nossa própria tradução. Na nossa linha. Foi o que me aconteceu.

Como percebo tão bem agora a Sofia Coppola.

“Lost in translation.”

João Cepeda

Maio 2015

Teresa Azevedo

38

Teresa Araújo de Ornellas da Costa Azevedo nasceu em Lisboa a 28 de Agosto de 1989. Concluiu o Mestrado Integrado em Arquitectura na Universidade Lusíada de Lisboa com a dissertação “O quinto alçado: do estereotómico ao tectónico.” Após a defesa da dissertação em Junho de 2013, estagiou 3 meses no Atelier Aponto, em Lisboa. Em Fevereiro de 2014, foi seleccionada para uma entrevista numa empresa de consultoria, a Alma CG, tendo

sido eleita para ocupar o cargo como estagiária no departamento de fiscalidade, no âmbito do Imposto Municipal sobre o Imóvel. Realizou o estágio profissional ao abrigo do IEFP durante 12 meses e incluiu o estágio de admissão para a Ordem dos Arquitectos nesse mesmo período. O seu patrono foi a Arqt.^a Marina Félix do atelier Aponto. Actualmente trabalha como consultora fiscal na Alma CG e colabora com o atelier Aponto em vários projectos.

Outro ofício para o Arquitecto

Actividade principal da vaga:
consultoria.

A experiência profissional que não
imaginava ter.

Tão pouco sonhava cair no mundo
empresarial.

Dia 10 de Fevereiro de 2014, inicio
estágio profissional ao abrigo do IEFP
com a empresa Alma Consulting Group
Portugal.

Estagiária para desempenhar o papel
de consultora fiscal da propriedade
(property tax consultant).

Recebo formação de uma colega
arquitecta que me diz de imediato o
seguinte:

“Este trabalho não tem qualquer tipo
de criatividade”.

“Uma cultura que não se faz apenas de
obras e projectos”.

Palavra-chave que me é dada a (re)
conhecer: Imposto Municipal sobre o
Imóvel (IMI).

Que desencadeia mais outras:
valor patrimonial tributário (VPT),
avaliações, prédios, coeficientes,
caderneta predial...

“Prédios”, um termo comum mas algo
insultuoso para o edificado.

Fui treinada a invocar e utilizar a
palavra “edifício” e a distinguir as
possíveis e variadas funcionalidades
deste.



Anónimo. Estacionamento. Piso -1.



Anónimo. Estacionamento. Piso -2.



Anónimo. Estacionamento. Piso -3.

Nesta área, habitação, campo de golfe, piscina, aeroporto, fábrica, etc, é intitulado como “prédio” ou “imóvel”. Eu escolho a palavra imóvel. É inócua. Neste tema tão pragmático a palavra adequa-se bem.

Tive que adaptar o meu vocabulário arquitectónico e a minha reacção algo afectuosa com o edificado a um vocabulário pragmático e diferenciado.

Objectivos

Mas afinal que objectivos a alcançar neste trabalho?

Qual a relação do arquitecto com este negócio?

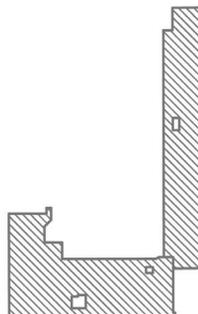
Começam a surgir palavras familiares ao meu ouvido: plantas, áreas, implantação, medidas...

O arquitecto já parece estar a conseguir um posição nesta história.

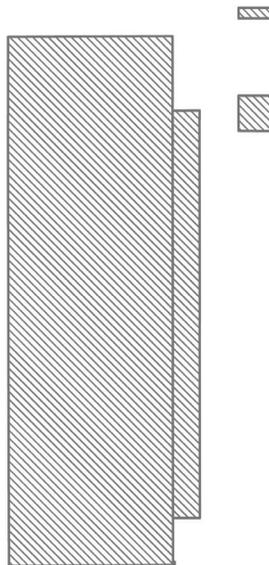
Clientes com variadíssimo património pagam imposto sobre cada um dos seus imóveis.

Alguns estão mal avaliados. Áreas com valores que não correspondem à realidade, afectação mal atribuída (indústria, serviços e comércio, habitação, estacionamento), valor de construção desactualizado.

O tempo passa, e o imóvel envelhece. Desvaloriza-se. Outro factor importante para a determinação do VPT.



Anónimo. Indústria. Piso superior.



Ao olhar de um arquitecto, o edificado pode ficar velho ou obsoleto, mas nunca perde o seu valor.

Tomando como exemplo um complexo habitacional, este imóvel perdeu valor humano de utilização (encontra-se em estado devoluto) por causa de diferendos das áreas de terreno. Falta de celeridade da justiça e tribunais portugueses fez com que o imóvel ficasse sem utilidade, mas devido ao projecto e mérito arquitectónico não perdeu o valor como peça.

A Avaliação

Análise. Estou constantemente nesta acção, a analisar. Analiso a caderneta predial de cada imóvel como se fosse um programa.

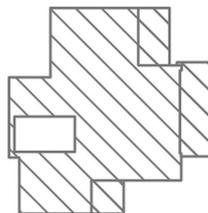
Analiso as licenças de utilização, construção, alvará de loteamento. As intenções foram aqui projectadas. Mas às vezes mal interpretadas pelos avaliadores.

Por último, a melhor parte da análise do imóvel: as plantas.

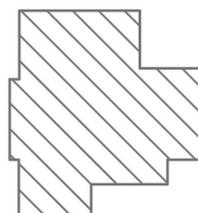
Nesta fase já me sinto mais ligada à minha formação. Passar a ser um trabalho de régua e esquadro. É nesta fase que se entende se o cliente vai conseguir uma redução na sua colecta de IMI.

Torna-se curioso a relação inversa que se estabelece aqui:

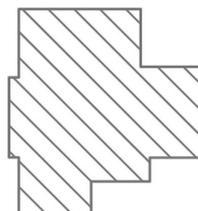
Quando maior redução de área, maior a poupança que o cliente obtém.



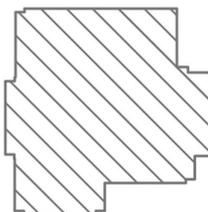
Anónimo. Habitação. Piso 1.



Anónimo. Habitação. Piso 0.



Anónimo. Habitação. Piso -1.



Anónimo. Habitação. Implantação.

É esta a satisfação que posso dar ao cliente.

Aspectos em comum com os meus colegas arquitectos de obras e projectos: deslocação até ao sítio e reconhecimento do lugar.

Aqui posso escapar à tirania dos números e conhecer, enfim, parte do edificado do território português. Viajar vezes sem conta do norte a sul do país e vice versa.

Passear por dentro da arquitectura (ou não arquitectura) das regiões. Observar in loco a organização do território.

O que me foi transmitido por palavras e imagens é realmente percorrido e observado, analisado, compreendido.

42

Uma experiência privilegiada - paralela a um objectivo simplesmente pragmático - o olhar de um arquitecto por todo o país.

Apertos de mãos aos clientes.
Apresentar resultados.

Enfim, abrir e fechar processos.

Parte menos empolgante (mas necessária) deste projecto: aplicação de legislação vigente.

Desde o código do imposto municipal sobre o imóvel à lei geral tributária, código do procedimento administrativo, PDM, Decreto-Lei 555_99 e mais...

Considerações finais

A existência de um arquitecto neste processo tão dominado pela aritmética dos números e normas legais é uma mais valia na interacção com os clientes, por sabermos ler o “todo” do seu Património.

Uma aquisição de experiência profissional que ultrapassa o meramente pragmático, e que se transforma numa fonte de conhecimento, aprendizagem e possivelmente de criação.

Tiago Atalaia

Tiago Atalaia nasceu no Fundão em 1986.

Em 2011, termina o mestrado em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. No mesmo ano, participa em vários concursos, de entre os quais resultaram o primeiro lugar para o Bar Temporário, organizado anualmente pela associação de estudantes da FAUP, e a menção honrosa no concurso Instant Housing, com a exposição da maquete da proposta à escala 1:20 na Feira Internacional de Arquitetura e Design de Milão.

Em 2013 inicia o estágio para a admissão à Ordem dos Arquitetos no atelier MA.SS em Lisboa, colaborando

em projetos de reabilitação no centro histórico da cidade.

Após a conclusão dos nove meses de estágio, muda-se para a Índia de forma a trabalhar no Studio Mumbai Architects, em Nagaon, sob a alçada do Arquitecto Bijoy Jain. Nos SMA coordenou a reabilitação de um mockup à escala real do Hotel Kovalam da autoria do arquiteto Charles Correia. No decorrer desta experiência, e influenciado pelo teor manual da Índia, opta por enveredar por materiais mais tradicionais, acabando na tutela de Punaram Suthar, antigo carpinteiro do Studio Mumbai e dono da Vishvkarma Furniture.

O desenho na aproximação da realidade

Vishvkarma, Chondi,
Maharashtra, Índia

No decorrer da experiência como colaborador no Studio Mumbai Architects, percebi que a escolha dos materiais deve refletir a sua verdadeira essência e pureza, só assim conseguimos usufruir o seu verdadeiro potencial. No primeiro contacto com os SMA a madeira era claramente o material identificativo do mesmo, em diversas escalas e contextos, despertando-me curiosidade exploratória.

44

Numa tentativa de aprofundar o conhecimento das características e o uso deste material, optei por trabalhar á posteriori numa carpintaria local, composta por mestres carpinteiros, naturais do Norte da Índia, - Rajastan. Esta era a forma direta de chegar a todo aquele conhecimento que me tinha apercebido aquando da colaboração.

Neste novo espaço de trabalho, aprendi a manusear novas ferramentas e a refletir sobre a pormenorização e simplificação processual, como uma antecipação construtiva que nos permite chegar ao pretendido.

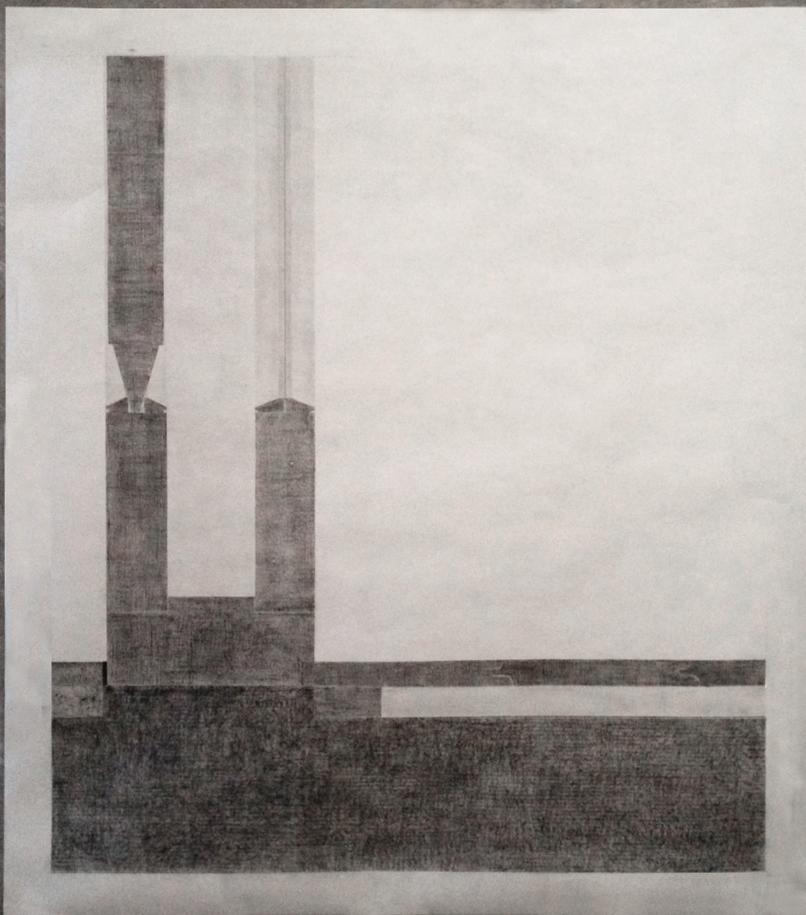
Foi este o ponto que mais me fez repensar todo o “nosso” sistema projetual, a simples escolha construtiva

e a metodologia “rudimentar”, apenas alguns artefactos, colocavam em causa toda uma aprendizagem até então bem como a minha perspetiva arquitetónica. A noção racional de pensamento e relação profissional com todos aqueles carpinteiros fez-me mudar o meu processo criativo e técnico para assim poder-mos comunicar e sentir a minha participação na equipa, talvez com uma outra visão mas com um objetivo comum.

O que antes era desenhado a computador, passou a ser desenhado em papel e a escala real. O espaço de trabalho comum as equipas multidisciplinares melhora e aperfeiçoa o resultado, um vão, uma cadeira ou até mesmo um simples puxador de porta, ele é feito in loco, qualquer barreira linguística ou cultural é dissipada neste momento criativo em prol do resultado e esse por norma é bom.

Numa tentativa de expressar a filosofia de trabalho e as peças construídas nesta carpintaria, selecionei um conjunto de desenhos relacionados com diferentes momentos desta nova aprendizagem. Através de plantas, cortes e axonometrias, desenhadas a escala 1.1 em papel com diferentes tamanhos e formatos, apresentam-se pormenores construtivos de caixilhos, manzeiras, corrimões, peças de mobiliário e objetos de quotidiano.

Esta necessidade representativa reflete e traduz todo o conhecimento técnico e construtivo que colhi, e é representativa de uma expressão artística.



O desenho manual é uma ferramenta de trabalho, um processo explorativo e evolutivo. Que em determinados contextos é a forma eficiente de linguagem universal.

O saber como são feitas as coisas indissocia-se do saber como devem ser projetadas.

Humberto Miguel Aguiar Pereira
(Membro da O.A.: 19333)
João de Horta Osório Charters
Monteiro (Membro da O.A.: 19522)
João Miguel Gameiro Neves
(Membro da O.A.: 22002)
João Paulo Ferreira Torres
(Membro da O.A.: 22817)
João Pedro Quintela Lopes
(Membro da O.A.: 20419)
João Silva Cepeda
(Membro da O.A.: 22624)
José Pedro Vaz Cano
(Membro da O.A.: 20504)
Marco Manuel Lopes da Silva
(Membro da O.A.: 21761)
Maria Carolina Anão Aurélio
(Membro da O.A.: 21414)
Mariana Grácio Nunes Sanchez
Salvador (Membro da O.A.: 18942)
Marta Sofia de Sousa Pinto
(Membro da O.A.: 22865)
Pedro Filipe Azevedo
(Membro da O.A.: 21871)
Samuel Pereira Pinto
(Membro da O.A.: 21326)
Teresa Araújo de Ornellas da Costa
Azevedo (Membro da O.A.: 22924)
Tiago José Salvado Atalaia
(Membro da O.A.: 22183)

Participantes

***latim hac. ora,
nesta hora,
neste instante
ou ocasião,
presentemente,
a partir deste
momento.**